

Estudo das relações sociopolíticas e religiosas em comunidades rurais da Amazônia

Liliane Costa de Oliveira¹

Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i33.45608>

Resumo: A partir de uma releitura histórica das comunidades rurais Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembleia de Deus, localizadas no Município de Manacapuru (Am), pretende-se, neste trabalho, mostrar como as relações políticas estão atreladas às Igrejas que representam a crença de tais comunidades. Apresentar-se-á a tipologia de liderança (líder pessoal, líder institucional, líder fundador, líder religioso) nestas comunidades, posto que representam a dinâmica do poder local, bem como a história das próprias comunidades, das famílias e de suas respectivas Igrejas, analisadas sob o enfoque teórico de Max Weber

Palavras-Chave: Igreja, Comunidades Rurais, Tipos de líderes

Study of socio-political and religious relations in rural communities of the Amazon

Abstract: Based on a historical re-reading of the rural communities of Nossa Senhora do Perpétuo Socorro and Assembleia de Deus, located in the Municipality of Manacapuru (Am), this article intends to show how political relations are linked to the Churches that represent the belief of such communities. We will present the leadership typology (personal leader, institutional leader, founding leader, religious leader) in these communities, since they represent the dynamics of local power, as well as the history of

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA/UFAM); Mestre em Sociologia (UFAM); Graduada em Ciências Teológicas (FBN); Licenciada em Ciências Sociais (UFAM). Docente na Faculdade Boas (FBN-AM), e integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas de Religião, Cultura e Imaginário (OIKOUMENE/UFAM). E-mail: liloliveira123@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências Sociais (PUC). Mestre em Filosofia do Conhecimento (UP-Universidade do Porto) Professora no Departamento de Filosofia. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Religião, Cultura e Imaginário (OIKOUMENE/UFAM); e integra o corpo docente do Programa da Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: marilina-pinto@gmail.com.br

the communities themselves, their families and their respective Churches, analyzed under the theoretical approach of Max Weber.

Keyword: Church, Rural Communities, Types of leaders.

Estudio de las relaciones sociopolíticas y religiosas en comunidades rurales de la Amazonia

Resumen: A partir de una relectura histórica de las comunidades rurales Nuestra Señora del Perpetuo Socorro y Asamblea de Dios, ubicadas en el Municipio de Manacapuru (Am), se pretende, en este trabajo, mostrar cómo las relaciones políticas están ligadas a las Iglesias que representan la creencia de tales comunidades. Se presentará la tipología de liderazgo (líder personal, líder institucional, líder fundador, líder religioso) en estas comunidades, puesto que representan la dinámica del poder local, así como la historia de las propias comunidades, de las familias y de sus respectivas Iglesias, analizadas bajo el enfoque teórico de Max Weber.

Palabras Clave: Iglesia, Comunidades Rurales, Tipos de líderes.

Recebido em 30/11/2018 - Aprovado em 20/12/2018

Introdução

A partir de uma releitura histórica das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembleia de Deus, pretende-se, neste artigo, mostrar que a igreja se caracteriza como instituição chave no processo de organização social e política desses lugares, por representar o núcleo social central, uma vez que parte das atividades realizadas nas comunidades é organizada na igreja, considerando que os cultos e as missas aos domingos constituem o momento por excelência de reunião, de encontro, no qual os moradores obtêm informações sobre a comunidade e decidem sobre os assuntos que surgem.

Essas informações são parte de uma pesquisa realizada em Jaiteua de Cima³, uma das localidades rurais do Município de Manacapuru/AM, cuja organização se dá em

³ Localidade situada às margens do Lago Grande, no Município de Manacapuru (7º Sub-Região do Rio Negro, em uma área territorial de 7.602 km² no Estado do Amazonas), onde estão concentradas as comunidades Nossa Senhora do Perpetuo Socorro e Assembleia de Deus. Para se chegar a Jaiteua de Cima, a localidade dispõe de um único meio de transporte: o fluvial. Os transportes do tipo fluvial que vão para Jaiteua saem de Manacapuru, que possui uma frota composta de dois barcos de pequeno porte (ou “recreios”, como são chamados os barcos que transportam passageiros e mercadorias) que fazem o trajeto Jaiteua-Manacapuru. O tempo da viagem é de duas horas e a passagem custa em média dez reais. Durante todo o trajeto os barcos

quatro comunidades: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Assembleia de Deus, Assembleia de Deus Tradicional e Santa Izabel. A pesquisa de campo e a etnografia concomitante com o método compreensivo possibilitaram descrever e interpretar a vida religiosa dos moradores que vivem nessas comunidades.

Percebeu-se que o poder local nestas comunidades se constitui por laços familiares, pois há uma determinada família que se destaca mais que as outras em cada comunidade. Assim como a igreja, que se manifesta em todas as esferas das comunidades. Tal prestígio se dá por ser o primeiro grupo familiar a organizar a comunidade através da doação de um pequeno terreno para a construção da igreja e isso determina que os cargos de liderança sejam ocupados pelas pessoas - da família que estiveram à frente de tal fundação – da comunidade e da igreja.

Nesse universo, tanto o Catolicismo como o Pentecostalismo são movimentos religiosos já consolidados, daí surgiu a ideia de analisá-los a partir da história de fundação das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembleia de Deus. Sabe-se que as tomadas de decisão e as regras de conduta dos moradores são discutidos sob circunspeção religiosa. Mas, de que forma esse domínio religioso está fundamentado? O que garante que as relações de poder sejam constituídas por laços familiares e religiosos?

Sob o prisma destes questionamentos, nesse artigo se descreve uma tipologia acerca dos líderes que administram tanto a comunidade como as igrejas estabelecidas, o que permitiu mostrar que a religião ainda é um fator preponderante na dinâmica social das comunidades estudadas. É a partir dessa perspectiva que se pretende debater o tema aqui proposto.

1.A Igreja na organização social das Comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembleia de Deus

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi a primeira a ser organizada em Jaiteua de Cima. No período de sua fundação, na década de 1970, os moradores que pertencem hoje às demais comunidades existentes na localidade formavam uma única comunidade, no entanto, após alguns conflitos entre famílias por questões territoriais, econômicas, políticas, administrativas e religiosas, os moradores se dividiram.

A referida comunidade recebeu esse nome em virtude da construção de um templo da Igreja Católica no local. O terreno onde foi erguida a igreja era a fazenda do

vão deixando passageiros e entregando mercadorias que abastecem os pequenos comércios das comunidades ao longo do rio.

Senhor Valdir Queiróz, devoto da santa católica Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que ao enfrentar uma forte tempestade quando estava vindo da cidade de Manacapuru para sua fazenda, imaginando que seu barco viesse a naufragar e até mesmo levá-lo à morte, fez uma promessa a esta santa, com a intenção de superar tal dificuldade. Por devoção pessoal à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sua promessa resultou na construção de uma pequena capela em homenagem à santa. Por ter alcançado a “graça divina”, superando o temporal, construiu parte da igreja com seus próprios recursos financeiros.

A partir da inauguração do prédio, os moradores que viviam nas redondezas da fazenda passaram a frequentar as celebrações católicas, participando de outras atividades que a Igreja organizava. Segundo as narrativas, antes da chegada da Igreja, o local era mais conhecido pelo nome do time de futebol, Ideal Clube – atualmente nome do centro social da comunidade. Nessa época, de acordo com o senhor Valdemar, o lugar não era conhecido ou chamado de “comunidade”, somente com as eleições de 1982, através da construção da primeira escola é que esta organização social foi reconhecida como comunidade pela Prefeitura de Manacapuru.

Seu Valdir Queiróz, responsável pela construção da Igreja, era comerciante e proprietário de um flutuante, no qual vendia mercadorias em geral. Ele também comprava os produtos que os moradores produziam na agricultura e no extrativismo: “a gente comprava e vendia tudo o que a gente queria, aí então não tinha que ir pra Manacapuru comprar nadinha porque aí tinha, comprava de tudo mesmo, trazia de tudo pra casa” (M., 76 anos, Pesquisa de Campo, 2011).

Anos depois, os donos da fazenda deixaram a localidade e um dos seus empregados, o Senhor Raimundo, mais conhecido como “seu Velhote”, assumiu a administração da fazenda. Seu Velhote assegura ser dono das terras do senhor Valdir, pois as considera como herança, em virtude de os donos não o renumerarem pelos serviços prestados na fazenda. Tal situação ainda hoje é motivo de muita discussão e tensão entre os moradores das demais comunidades. Segundo informações, um dos principais motivos de altercação gira em torno destas terras, uma vez que não há nada que assegure o seu pertencimento à comunidade.

O terreno onde estão instaladas as principais instituições sociais da comunidade é o local onde era a antiga fazenda Nova Esperança. A casa de seu Velhote é a única residência que está instalada no mesmo local onde estão a Igreja, a escola, a casa dos/as professores/as, o centro social, o motor de luz, o campo de futebol, o barco que busca e leva os/as estudantes que moram mais afastados e as Associações de Moradores, de Pais e Mestres e Agricultores. As casas dos demais moradores estão localizadas numa outra

parte da comunidade. Fato que destaca o poderio deste morador e sua influência na comunidade.

Seu Velhote se tornou uma pessoa influente, ocupando a função de Presidente – “líder institucional” – da comunidade. Durante sua administração foi construído um centro social e uma casa para os professores que dão aula durante o ano letivo. Ele e sua família também são responsáveis pelas atividades da Igreja durante a semana.

A Igreja Católica de Jaiteua de Cima é coordenada pela paróquia de Caapiranga⁴, vinculada à prelazia de Coari. Os moradores afirmam que a igreja local está ligada a esta paróquia, porque os padres de Manacapuru são poucos e são responsáveis por um determinado número de comunidades, nas quais devem dar “assistência religiosa”; outra justificativa são os dízimos que a igreja recebe mensalmente, os quais ajudariam no trabalho missionário da Congregação Redentorista do Santíssimo Redentor, ordem religiosa responsável pela paróquia de Caapiranga – presente também em Manacapuru e Coari.

A comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é composta por aproximadamente 50 famílias. As principais atividades econômicas estão voltadas para agricultura e para a pesca. O cotidiano dos moradores é também expresso pelas atividades de lazer, os quais se divertem principalmente na prática do futebol. A comunidade tem um time, formado por estudantes, que participa de torneios em comunidades vizinhas. Em 2011, foi vice-campeão do XXI Jogos Estudantis de Manacapuru.

Há momentos considerados como lazer: organização de bingos para arrecadação de recursos para a associação de moradores, festas de final de ano, festa junina - inclusive a comunidade tem um grupo de quadrilha -, promoção de festas do dia das mães e dos pais, geralmente organizadas pela escola.

A escolha do Presidente se dá através de eleições que acontecem de quatro em quatro anos. Quanto ao evento principal da comunidade, a festa da padroeira – Nossa Senhora do Perpétuo Socorro –, é realizado no mês de maio. A festa fortalece a identidade local por intermédio da ajuda mútua nos seus preparativos. A venda de doces, bebidas, comidas e bingos durante os dias de festa são destinados para a manutenção e complementação da infraestrutura da comunidade.

Quanto a Assembleia de Deus, esta comunidade foi fundada após a conversão de determinados moradores ao Pentecostalismo. Com a construção de uma congregação

⁴ A paróquia de São Sebastião, no Município de Caapiranga, foi fundada em 1983 (SILVA, 2008).

evangélica⁵ na localidade, os moradores evangélicos se desmembraram da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e fundaram a comunidade supracitada, dividindo o território em duas comunidades, com diferentes práticas religiosas. Para os “moradores “assembleianos” foi necessária a organização de uma comunidade onde pudessem compartilhar e viver os preceitos da Igreja Assembleia de Deus. Assim, ao redor da igreja formou-se um aglomerado de casas de “ribeirinhos evangélicos”.

Sabe-se que o crescimento das igrejas evangélicas no Estado do Amazonas coincide com a própria expansão demográfica das cidades e com o surgimento de novas comunidades rurais ao longo dos rios amazonenses. Um exemplo de como essa forma de religiosidade vem se expandindo é a fundação e organização de comunidades que recebem o nome das próprias igrejas estabelecidas.

o pessoal que fundaram [a comunidade] já eram evangélicos, já foi fundada como Assembleia de Deus mesmo. Eu quero dizer que aqui no Jaiteua, nessa área foi o primeiro evangelho que foi pregado, após a denominação católica, então depois deles que foi empregado no Jaiteua o evangelho da Assembleia de Deus, daí que foi fundada a comunidade. Outras pessoas de fora plantaram a palavra, o evangelho, e depois foram embora e assim ficou, só fizeram cuidar (V. A., 45 anos, Pesquisa de Campo, 2011, acréscimo das autoras).

Esta narrativa descreve que o movimento pentecostal foi incorporado pelos ribeirinhos em suas vivências e práticas, assumindo uma nova identidade de natureza religiosa, antes não existente em seu meio. Essas práticas referentes a este segmento religioso foram vividas e propagadas também pela família de um dos moradores mais antigos do local, o senhor Valdemar. Sua família só aceitou fazer parte dessa igreja ao serem evangelizados por um de seus parentes que morava em Manaus, vindo para Jaiteua para este objetivo.

Com a conversão da família do seu Valdemar Custódio e a inclusão de novos adeptos nesta perspectiva religiosa, foi surgindo a necessidade de se construir um templo da referida Igreja evangélica – prédio onde o ensinamento da Bíblia e a realização dos cultos evangélicos pudessem ocorrer –, bem como a formação de uma nova

⁵ Termo usado pelos moradores, o qual se refere a um prédio onde se reúnem os fiéis da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

comunidade, em função dos novos símbolos e costumes religiosos inseridos no cotidiano dos moradores, os quais deveriam conduzir suas vidas em conformidade com a mensagem pentecostal.

Todavia, não foi tão fácil organizar a comunidade Assembleia de Deus. Os moradores que queriam estabelecer uma comunidade fundamentada nos princípios evangélicos tiveram que enfrentar a resistência dos demais moradores (os católicos) que não concordavam com a criação de uma nova comunidade, uma vez que surgiriam novos líderes políticos e a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro talvez deixasse de ser o centro de referência junto a Prefeitura Municipal de Manacapuru. O grupo evangélico, através de suas concepções religiosas, resistiu a esta tensão e organizou tanto a comunidade como a Igreja Assembleia de Deus.

Sob esse prisma, Durkheim (1996, p. 30) destaca que quando as crenças religiosas são compartilhadas por um determinado grupo social temos o que o autor chama de igreja. “Uma igreja não é simplesmente uma confraria sacerdotal; é a comunidade moral formada por todos os crentes de uma mesma fé, tanto os fiéis como os sacerdotes”.

Isto quer dizer que é a comunidade moral que vai classificar o que é sagrado e profano, levando os adeptos da nova religião inserida na área de estudo a organizarem uma comunidade, na qual possam seguir seus ritos e crenças, abandonando antigas atitudes, consideradas agora como profanas. Sagrado e profano para Durkheim (1996) é uma construção social de acordo com a cultura, ou seja, é parte da dinâmica social. É uma realidade tensa, mas complementar.

Veja que o Senhor Joel Batista, ao tornar-se evangélico, sabendo da necessidade de se ter imediatamente uma Igreja evangélica em Jaiteua de Cima, doou uma pequena parte de suas terras para a construção da Igreja, a qual foi construída através dos recursos (ofertas e dízimos) e da força de trabalho dos moradores locais. Por conseguinte, hoje a história da Igreja e da comunidade Assembleia de Deus é outra. Ambas passaram por mudanças radicais, ocasionando uma nova configuração no território de Jaiteua de Cima. No ano de 2000, a Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Amazonas (CEADAM)⁶ aderiu um novo projeto de evangelização, cujo objetivo visava alcançar mais pessoas e fomentar o crescimento da igreja no Estado.

⁶ A Convenção tem a finalidade de administrar a parte espiritual e material da Igreja no Estado; autorizando ou consagrando novos obreiros, orientando pastores, definindo metas, administrando a criação de novos campos missionários, mantendo o registro e o cadastro do obreiro, do campo e de todos os acontecimentos que ocorrem nas Igrejas no Estado. Hoje, em todo o Amazonas são mais de 890 pastores, 502 campos eclesiais e mais de 3000 templos, todos filiados e cadastrados na CEADAM (www.icadam.com.br/ceadam/#). Acesso 10 nov. de 2018).

No entanto, determinado grupo de pastores não aprovaram a “Visão Celular”, cujo projeto alterou usos e costumes da igreja, bem como introduziu novas práticas de fé. Trata-se da inserção de uma nova liturgia na condução dos cultos: os grupos de crianças (antes chamado de departamento infantil), de jovens (mocidade) e de senhoras (círculo de oração) foram nomeados de redes; as mulheres estariam “livres” para usar maquiagem e calça cumprida e a evangelização passava a ser realizada através de células.

Tanto a Igreja quanto a comunidade Assembleia de Deus foram afetadas por essa divisão entre pastores, acarretando a transferência do templo assembleiano para outro espaço do território de Jajteua de Cima. Com a mudança, os fiéis resolveram organizar a comunidade onde atualmente está localizado o prédio da igreja.

A nossa denominação evangélica ela teve um problema com a Assembleia de Deus Tradicional, teve uma divisão. [...]. Nós éramos daquele lado onde é a Assembleia de Deus Tradicional [...]. Nós éramos de lá, aí nós passamos pra esse lado e nós deixamos o pessoal que não ficou do nosso lado e ficou do lado deles [da Assembleia de Deus Tradicional] [...] (V. A., 45 anos, Pesquisa de Campo, 2011, acréscimo das autoras).

O espaço cedido pela família Assis, que após difícil entendimento – alguns membros desta família não concordavam com a implantação da igreja no terreno por ser herança de família – cederam um pequeno terreno para a (re)construção da congregação. Assim, um novo presidente foi eleito, as expectativas destes sujeitos em relação à comunidade foram redimensionadas, a base eclesial da igreja foi reorganizada – do porteiro da igreja ao dirigente da congregação envolvia a família Assis –, suas relações sociais se modificaram e a família do seu Valdemar passou a não ter mais importância na história de fundação da comunidade, prevalecendo nesse ínterim a família Assis.

Hoje a comunidade está organizada em torno de 22 famílias aproximadamente, sendo que parte de seus moradores moram em flutuantes localizados nos furos e nos igarapés da localidade. Sua infraestrutura é composta de uma Associação Comunitária, onde os associados (moradores) contribuem com uma mensalidade de R\$ 2,00 (dois reais) e suas reuniões são realizadas na congregação. A comunidade não possui escola. Os/as filhos/as dos/as moradores/as estudam nas escolas das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santa Izabel.

Sua principal atividade econômica baseia-se, sobretudo, na agricultura e na pesca. As atividades de lazer são o futebol – em menor intensidade do que na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro –, geralmente praticado no final de tarde e eventos promovidos pela igreja, como sorteios de brindes, cujo dinheiro arrecadado vai para a tesouraria da Igreja. No domingo pela manhã, a igreja organiza brincadeiras para as crianças durante a Escola Bíblica Dominical. A eleição para a escolha do “Presidente Comunitário” acontece de quatro em quatro anos. O atual presidente é o senhor Valdenir Assis⁷. Ele está no cargo há sete anos, é “auxiliar do trabalho”⁸ e líder do grupo de senhores na congregação evangélica.

Um dos eventos mais importantes é a comemoração do aniversário da Igreja no mês de abril. Essa festa movimenta toda a comunidade. Meses antes da festa, os grupos de senhoras, de jovens e de crianças ensaiam de dois a três hinos para serem cantados durante a festa. Os fiéis também se preocupam com a comida que será servida durante o dia do evento para pastores e demais fiéis convidados. Outro evento importante é o culto de celebração aos domingos, quando os fiéis se reúnem para se confraternizar.

A igreja local está vinculada à Assembleia de Deus do Município de Manacapuru. A CEADAM dividiu os municípios em áreas para melhor administração. Cada Município é um centro de apoio e o pastor deste centro é chamado de “pastor presidente”, responsável por administrar os “pastores-coordenadores” que estarão trabalhando nos locais onde estão instalados prédios da referida igreja. A igreja de Jaiteua de Cima faz parte da área Solimões três, administrada pelo pastor Zedequias da Silva, o qual é coordenado pelo pastor Antônio Alves – pastor presidente do centro de Manacapuru.

O “dirigente da congregação”⁹ – “líder religioso” – é o diácono¹⁰ Valmir Assis, pessoa responsável na organização das celebrações da igreja durante a semana. A função do diácono é auxiliar o pastor, ou seja, o seu trabalho é o de supervisionar as atividades da igreja, bem como conduzir os membros da congregação, saber de suas necessidades

⁷ No período deste estudo esse senhor era quem presidia a comunidade.

⁸ Homem que realiza as tarefas de tirar oferta, distribuir a Santa Ceia. Às vezes ele é o porteiro, pessoa incumbida de abrir e fechar a congregação e receber as pessoas (ALENCAR, 2010).

⁹ Pessoa selecionada pelos líderes da igreja assembleia de Deus de Manacapuru para organizar e executar as atividades religiosas. Seu trabalho consiste em dirigir os cultos, visitar os membros e a evangelização. São as mesmas funções de um pastor, no entanto como não há pastores para atenderem a demanda da igreja foi feita a seleção de diáconos para o cargo de dirigente.

¹⁰ A palavra “diácono” é a tradução direta da palavra grega *diakonos*, que significa “servo” ou “ministro”. Na igreja Assembleia de Deus tem a mesma função pastoral de dirigir uma igreja.

materiais e espirituais. Suas tarefas devem ser cumpridas sob a autoridade do pastor-coordenador.

Em suma, a maioria dos/as moradores/as são fiéis desta igreja, sendo que há uma relação de parentesco muito forte entre os mesmos. A família Assis é o grupo de parentesco que mais se destaca. O presidente da comunidade é também diácono e ajuda nas atividades eclesiais da congregação, é irmão do tesoureiro da igreja, sobrinho do porteiro e assim por diante.

Os cultos públicos acontecem aos domingos no período noturno, a Escola Bíblica Dominical se realiza no período matutino e os cultos de oração são as principais atividades da igreja local. Os cultos de oração são também chamados de cultos de doutrina, no qual os fiéis oram por um período e são ensinados sobre as doutrinas da igreja, fundamentadas na Bíblia Sagrada. Essa forma de culto acontece nos dias de terça e quinta-feira. A reunião dominical é o momento em que faixas etárias são reunidas separadamente para um estudo bíblico com material didático preparado pelas Casas Publicadoras da Assembleia de Deus, CPAD. A chamada Escola Bíblica Dominical nada mais é do que a repetição material e literal dos textos bíblicos. Os assembleianos, conforme Alencar (2010), desde o início tiveram a preocupação com o estudo da Bíblia e esse estudo lhe proporcionou uniformidade doutrinária.

Mesmo com as mudanças que levaram ao aparecimento da Igreja Assembleia de Deus Tradicional, a Igreja Assembleia de Deus de Jaiteua de Cima permanece realizando os cultos de oração durante a semana – substituído pelas redes –; a liturgia dos cultos permanece da mesma forma; os hinos da Harpa Cristã¹¹ ainda são prioridades no início das celebrações; nas manhãs de domingo os estudos da Escola Bíblica Dominical são realizados, substituída em muitos lugares pela escola de líderes; o ritual da Ceia do Senhor ainda acontece no primeiro domingo de cada mês e as mulheres ainda possuem os cabelos compridos e usam saias longas.

2.O “líder religioso” e sua legitimidade nas Comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembleia de Deus

Com base na multiplicidade de práticas e interesses que caracterizam a vida em comunidade, estabeleceu-se uma tipologia de líderes locais (“líder institucional”, “líder pessoal”, “líder fundador”, “líder religioso”) para entender como as relações de poder se mantêm por meio das instituições religiosas. São líderes que surgem em função das

¹¹ É o hinário das Assembleias de Deus; contém 640 hinos de compositores brasileiros e estrangeiros.

relações desenvolvidas pela igreja para garantir o controle e uso do território pelos grupos sociais locais.

Os líderes são àqueles que adequam sua ação social ao funcionamento do campo religioso, para que seus interesses e dos/as demais moradores/as sejam alcançados. São tipos ideais de dominação legítima que permanecem atuantes neste campo por alcançarem os anseios políticos e religiosos de todos/as. Legitimação, diria Bourdieu (2009), conquistada em razão de um conjunto de crenças e práticas, usadas como estratégias para atrair ou dominar tal sistema social.

Os tipos de líderes destacados nesta pesquisa estão atrelados aos tipos ideais de dominação legítima de Max Weber. Neste sentido, as bases de dominação são apenas três (institucional ou burocrática, tradicional e carismática), as quais são complementares como as lideranças locais, destacadas neste estudo. Estes tipos ideais na esfera social que estudamos têm em comum “possuir o capital necessário para ocupar posições nos diferentes campos”: o político e o religioso (BOURDIEU, 1996, p. 244).

O “líder institucional” ou o “presidente comunitário” que dirige a comunidade é escolhido pela coletividade em época de eleição e tem o mesmo capital simbólico¹² que o “líder pessoal”, por possuir virtudes em suas qualidades pessoais como: atitude, poder de comunicação, disposição, caráter, determinação e inteligência. Tal capital cumulativo é conferido por outros agentes do campo que permitem a sua liderança, por isso há uma relação entre esses tipos de líderes, pois ao ser escolhido pela coletividade, o “líder institucional” deve apresentar tais qualidades que o “líder pessoal” apresenta.

A legitimação do “líder pessoal” como “líder institucional” é reconhecida e autêntica por ter sido percebida no dia a dia, antes mesmo desse líder se candidatar ao cargo de “presidente comunitário”, pois são suas qualidades pessoais que vão indicá-lo para ocupar esta função. Logo, pessoas que não apresentam tais qualidades não são bem vistas pelos/as moradores/as para ocupar um dos mais importantes cargos: a liderança da comunidade.

Cabe ao “líder institucional”, muitas vezes, acompanhar de perto as atividades agrícolas, como abertura das roças e de outros tipos de plantações, assim como outras atividades para o beneficiamento da comunidade. São ainda atributos do “líder institucional”: ajudar na construção de casas, ordenar que se limpe o centro da

¹² É uma categoria sociológica utilizado por Pierre Bourdieu. O capital simbólico não é algo palpável, mas é possível ser observado por meio do prestígio, do carisma, do valor que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo social. O que permite que um indivíduo detentor deste capital desfrute de uma posição reconhecida pelos seus pares (BOURDIEU, 1996; 2009).

comunidade, perceber que existem moradores/as precisando de ajuda, chamar a atenção daqueles/as que não estão seguindo as regras da comunidade, entre outros.

Para Weber (1999, p. 142), a autoridade *institucional* ou *burocrática* está fundamentada na dominação racional ou burocrática, admitida através das regras sancionadas pela própria sociedade, ou seja, são as leis que definem a quem obedecer e até quando obedecer, tornando possível a aceitação da autoridade por parte dos subordinados. “[...] os membros da associação não obedecerão ao senhor, não o fazem à pessoa deste, mas sim, àquelas ordens impessoais e que, por isso, só estão obrigados à obediência dentro da *competência* objetiva, racionalmente limitada, que lhe foi atribuída por essas ordens”. Isto é, não é a pessoa que estará no cargo que será reconhecida e sim a autoridade que exerce a dominação dentro dos limites estabelecidos. Obedece-se às regras instituídas e não à pessoa, a administração que a autoridade reconhecida realiza é extremamente profissional, está subordinada, principalmente, “a determinadas regras, de funções oficiais dentro de determinada competência”.

Dessa forma, um dos fatores importantes para ser “líder institucional”, está relacionado à questão da oratória. Saber se expressar é importante, pois em situações em que é preciso defender os direitos dos/as moradores/as, ou mesmo para intermediar melhoramentos para o núcleo, cabe ao líder a função de falar pela sua comunidade. Outro fator se refere à disponibilidade para estar na comunidade, sendo recomendável que o líder não seja empregado, pois não terá tempo suficiente para apoiar e articular os interesses comunitários.

Eu não queria mais [ser líder], mas é aquela questão que a população vê o lado melhor. Nós temos um candidato aí, mas por um lado a gente perde, porque a comunidade não tem aquele desenvolvimento que eu tenho com as pessoas conhecidas. Com certeza com isso, nós perdemos. A minha comunidade é quase a minha família e eles querem que eu fique ainda na presidência, mais uns anos. [...] E depois que passamos pra [essa] comunidade [desse lado do rio] foi que eu assumi a presidência. [...] ganhei a eleição pra ser presidente, então até hoje eu tou com mais de três anos como presidente nesse primeiro mandato na comunidade (V. A., 45 anos, Pesquisa de Campo, 2011, acréscimos das autoras).

Segundo Weber, aquele que manda também obedece a uma regra no momento em que emite uma ordem, ele obedece à lei ou a um regulamento de uma norma formalmente abstrata. O tipo de dominador que manda é o superior, cujo direito de mando está legitimado pelas regras estatuídas no âmbito de uma competência concreta, cuja legitimação e especialização se baseiam na utilidade objetiva e nas exigências profissionais estipuladas para tal atividade.

É neste sentido que existe uma relação muito próxima entre as lideranças institucional e pessoal, uma vez que a autoridade escolhida para coordenar a comunidade deve seguir tais regras e apresentar características pessoais como uma boa homília, ser responsável e estar disposto a defender os interesses do núcleo comunitário seja em qualquer momento ou circunstância. São fatores que permitem que a mesma pessoa permaneça sempre no cargo de “presidente comunitário”.

Tendo como base essa relação, podemos avançar na perspectiva weberiana e afirmar que a pessoa que ocupa o cargo de “líder institucional” é reconhecida não somente pela sua competência como autoridade, mas pela pessoa que aparenta ser, ou seja, são os seus valores e dons pessoais que legitimam tal autoridade. Dessa forma, nas comunidades estudadas, esse tipo de líder governará para atender as regras já estabelecidas, contudo a obediência ao mesmo se dará pela pessoa que se mostra ser. Essa compreensão nos permitiu tipificar o “líder fundador” e o “líder religioso”.

Os “líderes fundadores” são líderes que fizeram parte da fundação das comunidades Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Assembleia de Deus. São homens que com suas famílias ajudaram intensamente na construção e na organização das igrejas locais, em razão disso são respeitados por todos/as os/as moradores/as, desfrutam de certo prestígio e suas opiniões são importantíssimas para a escolha do “líder institucional”. Trata-se de líderes que detêm capital simbólico para fazer emergir seus interesses na consciência da coletividade.

Em Weber (1999, p. 148) a autoridade *tradicional* “se obedece em virtude da dignidade pessoal que lhe atribui a tradição”. Obedece-se em virtude de sua dignidade própria, santificada pela tradição, ou seja, pela fidelidade por ser um líder justo. Isso se dá através do reconhecimento que é válido para sempre, por isso as regras são determinadas pela tradição, regida pela honra.

As tradições e os costumes enraizados na sociedade aparecem na figura deste tipo de líder, cuja violação por parte do mesmo põe em perigo a legitimidade do seu próprio domínio, que repousa exclusivamente na defesa da própria tradição. Esse tipo de dominação, segundo Weber, é constituído por pessoas que estão ligadas pela fidelidade.

Apropriando-se de tal compreensão, os fatores que determinam a dominação de um mesmo líder por vários anos nas comunidades pesquisadas é a defesa da tradição, a

saber, a religiosa. Tal dominação começou com a doação de um pequeno espaço para a construção das respectivas Igrejas Católica e Assembleia de Deus. Abrir mão de um pequeno terreno para a construção de um templo, na visão dos moradores, é a valorização da própria vida, da fé e dos costumes religiosos.

De acordo com as narrativas, o líder permanece sempre no cargo de presidente da comunidade porque os comunitários entendem que o “líder institucional” que é o “líder fundador” já sabe como articular e dirigir a comunidade pelo tempo que está nesta função. “A auto imagem (sic) e a auto estima (sic) de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupo pensam dele” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 40). A imagem que o “líder fundador” construiu lhe permite transitar no campo religioso e político, mas isso só acontece porque o grupo social lhe reconhece como tal.

Por meio das conversas com os/as moradores/as descobriu-se que após a saída da família Queiróz para a cidade de Manaus, na década de 1990, seu Velhote, antigo funcionário da fazenda, casado com uma das integrantes da família Ferreira – dona Maria –, umas das famílias mais antigas do lugar, assumiu a liderança da comunidade. Afirmando ser dono das terras onde se concentrava a fazenda de seu patrão, uma vez que seu Valdir lhe devia o tempo de serviço prestado. Além disso, assegura que participou ativamente da organização da comunidade e ainda afirma ser dono daquelas terras, por isso é o único morador que possui residência onde se concentra o centro da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Assim, a dominação deste “líder fundador” pode ser encarada como tradicional por ser reconhecida por todos os comunitários, os quais confirmam essa história, daí o tempo de sua liderança, que se estende há muito tempo.

Na comunidade Assembleia de Deus, desde quando foi dividida, no ano de 2000, seu Valdenir é o “líder institucional” por decidir juntamente com sua família que não iriam ser membros da Igreja Assembleia de Deus Tradicional; apoiados pelos demais fiéis que resolveram ajudá-lo na reconstrução da comunidade, tornou-se reconhecido como “líder fundador” até porque a sua família já tinha uma tradição no lugar, em razão de uma relação de fidelidade há muito tempo estabelecida e respeitada pela comunidade.

Dessa forma, a presença da família do “líder fundador” não está presente só no cargo de “líder institucional”, mas na liderança religiosa, na liderança da associação comunitária (secretaria e tesouraria) e na atividade de Agente de Saúde. “Há uma relação de parentesco entre essas pessoas que tomam as decisões na comunidade. Primeiramente é mais a minha família” (I. F., 35 anos, Pesquisa de Campo, 2011).

Nota-se, que o “líder fundador” é uma liderança *estabelecida* (ELIAS; SCOTSON, 2000) por fundar a sua dominação como morador mais antigo. Desse modo, por serem líderes que residem há muito tempo no local, sua posição no campo político e

religioso é legítima, influenciando na organização social das comunidades, nos laços de vizinhança, de compadrio ou de “irmão em Cristo”.

Já o “líder religioso” está atrelado à igreja. Seu capital simbólico consiste no domínio da oratória, do conhecimento da Bíblia Sagrada, na condução da liturgia dos cultos e missas, ter caráter, dons espirituais, ser batizado nas águas e no Espírito Santo, crismado, convertido, puro, corajoso, honesto, santo, vocacionado, responsável, entre outros. O portador destes “carismas” é automaticamente reconhecido por seus adeptos, sendo legitimado pelo grupo ao cargo.

A autoridade *carismática*, conforme Weber (1999, p. 141), é “baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas”. A dominação carismática se sustenta pela crença dos subordinados nas qualidades excepcionais – faculdades mágicas, revelações, heroísmo, poder intelectual – do seu líder. Se tais qualidades lhe faltarem, seu domínio estará ameaçado. Isto é, se obedece exclusivamente ao líder devido ao seu carisma e não por causa de sua posição que foi instituída burocraticamente ou por uma posição tradicional. Assim, para se conquistar o cargo de “líder religioso”, o carisma é um dos meios para tê-lo.

Não existe nenhum tipo de procedimento para a nomeação ou substituição do líder carismático, em razão de não ser exigido sua formação profissional. Todavia, Weber deixa claro que esta dominação é instável porque não há nada que assegure a perpetuidade da devoção a este líder. Este tipo de dominação, nas comunidades pesquisadas, é o “líder religioso”. Para os moradores, esse líder é alguém que lhes aponta um caminho a percorrer quando estão passando por algum problema de difícil solução.

O “líder religioso” da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é o senhor Velhote, catequista que conduz a liturgia das missas. Ele e sua família organizam as atividades da igreja durante a semana e dividem entre as famílias locais a celebração da novena e a reza do terço. Seu Velhote se sente responsável pela igreja local, responsabilidade implícita em relação à festa da padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ou seja, a sua participação nas celebrações, entre outras atividades da igreja.

Weber (2002) observa que a esfera religiosa é também pautada por conflitos e interesses. O sociólogo fala de uma dominação eclesiástica que tenta dominar as ações do indivíduo, sendo que a causa deste confronto é complexa, por envolver jogos estratégicos. Nesse sentido, a tensão social que existe entre os moradores da comunidade católica ultrapassa a dimensão social e política e atinge a esfera religiosa. É perceptível como a origem desta tensão é a disputa pelo domínio político, porque estes líderes querem a presidência da comunidade por usufruir de certo prestígio que outrora foi conquistado e reconhecido. Conflito que está atrelado por uma vertente religiosa,

acompanhada de interesses que estão em jogo, é o caso de seu Velhote que pretende ser novamente “líder institucional” nas próximas eleições por ter participado da fundação – “líder fundador” – da comunidade e da organização da igreja.

Neste contexto, o “líder religioso” da comunidade Assembleia de Deus, chamado de dirigente, que responde pelo pastor – coordenador da área Rio Solimões –, durante a sua ausência, além de coordenar as atividades religiosas, influencia os demais fiéis na escolha do líder que irá ser o “líder institucional”. Isto significa que o candidato ao cargo de “presidente comunitário” deverá também atender às necessidades da Igreja. Visto que a Igreja, segundo moradores, opina nas decisões da comunidade.

A maioria dos comunitários são da igreja, então toda decisão em benefício da comunidade se consulta a igreja, se consulta os irmãos. O irmão que é líder da comunidade pelo menos uma vez por mês ele faz reunião, consulta os irmãos, consulta a igreja. Acho que influencia porque a igreja é uma força, então tudo aquilo que for em beneficiar a comunidade também vai beneficiar a igreja (Díacono R. S., 26 anos, Pesquisa de Campo, 2011).

O dirigente tem a mesma autoridade do pastor em administrar as atividades da igreja e de orientar os fiéis, todavia quando o dirigente não se encontra, são os diáconos que dirigem os cultos e orientam os membros. O dirigente controla as ações dos fiéis, principalmente nos aspectos de usos e costumes, lazer e casamento. Este “líder religioso” é responsável por convencer toda a congregação a participar das atividades da igreja, pois é imprescindível a mobilização da membresia para a obtenção de resultados, como o crescimento da igreja local.

Nota-se a forte influência do “líder religioso” nas comunidades estudadas. Trata-se de um líder que reconhece a ação do Espírito Santo como transformadora de homens e mulheres – e procura saber quem está em comunhão com Deus, através do acompanhamento dos comportamentos dos fiéis, ou seja, esse líder possui a tarefa de saber quem está vivendo uma “vida santa”, embora no Pentecostalismo, necessariamente não seja necessário um mediador para a salvação.

Alencar (2010) afirma que o Pentecostalismo cresceu e expandiu-se a partir do reconhecimento dos carismas. Seus líderes na condição de “enviados por Deus” reúnem em torno de seus dons um grande grupo de adeptos. Não há seleção dos líderes eclesiais por critérios objetivos, mas pelas suas qualidades carismáticas. São “líderes ideais” com “capacidade extracotidiana” (WEBER, 1999), cujo “líder religioso” está

presente em cada igreja por ser dotado de um carisma e isto estabelece o seu estilo ou o seu modelo de liderança.

O “líder religioso” da comunidade Assembleia de Deus como “ungido do Senhor” é também o “líder institucional”, ou seja, o “presidente comunitário”. Como diácono e presidente, sua decisão é definitiva, determinante, inquestionável e vitalícia. Por exemplo, mandou fixar o nome das pessoas que são dizimistas no salão da igreja, evidenciando que quem não dizima está fora das normas da igreja e da comunidade.

Para o morador que não tem seu nome na lista dos dizimistas é vergonhoso e constrangedor. Na verdade, essa atitude força o fiel a dizimar, independente se tem condições ou não. Freston (1993) observa que a origem da igreja Assembleia de Deus está marcada pelo poder tradicional, fundamentado na autoridade patriarcal, constituído pelo dom pessoal. Esse carisma, de certa forma, como se tem visto entre os ribeirinhos evangélicos de Jaiteua de Cima, centraliza o poder eclesiástico e político, colocando tudo nas mãos de uma única autoridade.

Neste sentido, a autoridade do “líder religioso” não representa apenas a si mesmo, mas o poder e a justiça do grupo que lidera. Seu reconhecimento foi conquistado por atender as necessidades do grupo. Isto é, seu carisma ou os seus dons pessoais não se aplicam somente a ele, mas também ao grupo que está vinculado.

O carisma pode ser – e somente neste caso merece em seu pleno sentido esse nome – um dom pura e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que por natureza o possui e que por nada pode ser adquirido. Ou pode e precisa ser proporcionado ao objeto ou a pessoa de modo artificial, por certos meios extracotidianos. A mediação entre essas alternativas consiste na suposição de que, apesar de as capacidades carismáticas não poderem desenvolver-se em nada e em ninguém que não as possua em germe, tal germe permanece oculto se não é estimulado ao desenvolvimento (WEBER, 1999, p. 280).

A tese weberiana esclarece que uma pessoa naturalmente possuiria em si mesma o *carisma*, algo como um dom capaz de torná-la diferente, desde que nela seja despertado ou estimulado em decorrência de fatos históricos ou sociais. Isto quer dizer que o carisma não é algo que corresponde somente ao indivíduo, portador de tal “virtude”, mas é algo social e histórico, por isso o líder carismático é símbolo do grupo

social, o qual surge como resposta às necessidades dos indivíduos do grupo que o mesmo faz parte.

É neste sentido que esta pesquisa revela que o “líder institucional” como “líder fundador”, o qual é o “líder religioso”, ao ser dotado de um carisma, teve de assumir outras funções em razão da comunidade perceber a sua capacidade de liderança. Weber (1999) faz referência à vinculação entre dominação e administração, reforçando que toda dominação se manifesta e funciona como administração e toda administração precisa, de alguma forma, da dominação, pois para dirigi-la é necessário que certos poderes de mando estejam nas mãos de alguém.

Através dos laços de parentesco, essas lideranças foram construídas, tipo de administração que se estende também às igrejas, por isso conservam a mesma liderança, tanto na igreja como na administração da comunidade, por entenderem que é melhor eleger um parente da “família fundadora” por ter as mesmas atitudes e por estabelecer normas de acordo com os princípios cristãos.

A igreja, enquanto elemento de “coerção” e “exteriorização”, se configura como uma fonte de perpetuação do sistema de dominação iniciado dentro das famílias. Afinal, aquele cidadão praticante de determinada religião não nasceu praticante, mas antes disso pertenceu a uma família que possuía determinadas características, entre as quais, o pertencimento a determinada religião. Ao nascer, diria Émile Durkheim, o indivíduo é logo introduzido em um sistema cultural e social previamente estabelecido, é educado dentro desse sistema sem que possa escolher como, realmente, quer ser identificado (exteriorização).

Assim, o “líder religioso” é um tipo de líder que detêm capitais simbólicos que lhes permitam atuar politicamente na comunidade a partir da esfera religiosa, por ter sido legitimado pela tradição. É nesse momento, na junção dos aspectos sociais, históricos e políticos, que a religião sai do campo religioso e se estende para outras esferas sociais da comunidade. E ao sair, formula soluções simbólicas aos problemas sociais, dando sentido à vida ribeirinha, através de um discurso teológico e político.

O “líder religioso” tem certeza sobre a importância de sua tarefa. É uma pessoa bastante útil para a vida da comunidade. É um líder que aconselha o povo quando este lhe confia os seus problemas, lembrando-os de seus deveres e os ajudando em oração e em atitudes em tempo de peste e de enchente/seca. Sendo bastante respeitado e compreendido por todos os moradores, ou seja, é um “homem de Deus”.

Esta tipologia (“líder institucional”, “líder pessoal”, “líderes fundadores”, “líder religioso”), na verdade, é resultado da forma como o ribeirinho tenta se relacionar com o seu mundo e com o sagrado. Nessa relação, a religião tem papel importante na conduta moral destes sujeitos, todavia é um fenômeno que se funda a partir das

necessidades da vida cotidiana, como a devoção a um santo católico ou a constituição de uma comunidade onde se pudesse usufruir livremente de uma nova forma de vida religiosa.

Considerações Finais

A Igreja na localidade Jaiteua de Cima se manifesta em todas as esferas das comunidades, desse modo, detectou-se que o poder local se constitui por laços familiares, uma vez que há uma determinada família que se destaca mais que as outras em cada comunidade. Tal prestígio se dá por ser o primeiro grupo familiar a organizar a comunidade, através da doação de um pequeno terreno para a construção da igreja. Fato que determina que os cargos de liderança sejam ocupados pelas pessoas da família que fundou e organizou tanto a comunidade quanto a igreja.

É neste sentido que esta pesquisa mostra que o “líder institucional” é o “líder fundador”, que é também o “líder religioso”. Trata-se de lideranças masculinas, que por conta dos laços de parentesco, os moradores atribuem legitimidade sempre aos mesmos líderes, tanto na igreja quanto na administração da comunidade, por entenderem que é melhor eleger um parente da “família fundadora” e fiel aos dogmas referentes à religião predominante em cada comunidade, para garantir as normas que regulamentam a comunidade e os princípios cristãos.

Dessa forma, este estudo aponta que o “líder religioso” é um tipo de líder que detém capitais simbólicos que lhes permitem atuar politicamente na comunidade a partir da esfera religiosa, por ter sido legitimado pela tradição. É nesse momento, na junção dos aspectos sociais, históricos e políticos que a religião sai do campo religioso e se estende para outras esferas sociais da comunidade. E ao sair, formula soluções simbólicas aos problemas sociais e às transformações, dando sentido à vida às margens dos rios, representado em um discurso teológico e político através do “líder institucional” e do “líder religioso”.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância* (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Fundamentos de uma Ciência das Obras. In: BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 206-316.

_____. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas* (org. Sérgio Miceli). 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 27-78.

_____. *O Poder Simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Tradução Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Editora Paulus, 1996 (Coleção Tópicos).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. L. Os *estabelecidos* e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Tradução Vera Ribeiro; Tradução do posfácio à edição alemã de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de Doutorado, Campinas: Unicamp, 1993.

SILVA, Francisco Agnaldo Barbosa da. *O resgate do Catecumenato na formação dos cristãos na Prelazia de Coari*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2008.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. 4 ed. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: ed. Da UnB, 1999. V. I

_____. *Ensaio de Sociologia*. H. H. Gerth e Wright Mills (orgs.). 5 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

Sites Consultados

www.icadam.com.br/ceadam/# . Acesso em 10 nov. de 2018